

Kropotkin e a Grande Guerra

René Berthier¹

O texto seguinte é um resumo das posições tomadas por Kropotkin durante a Primeira Guerra Mundial. É uma síntese de um trabalho mais geral publicado em 2017, no qual também são desenvolvidas análises sobre as relações conflituosas entre o movimento sindicalista revolucionário francês e a social-democracia alemã².

Kropotkin, um dos principais teóricos do movimento libertário, adotou em 1916 uma posição de apoio à União Sagrada e assinou um manifesto ao qual se juntaram outros catorze ativistas anarquistas³ e, podemos acrescentar, *apenas* catorze. O gesto de Kropotkin causou um verdadeiro trauma no movimento libertário, tradicionalmente anti-militarista e antiguerra. As razões de sua escolha têm sido questionadas com frequência. Raramente alguém tentou entender *por que ele esperou até 1916* para fazê-lo.

A atitude que Kropotkin adotaria em caso de guerra entre a França e a Alemanha nunca foram uma surpresa. Pode-se dizer que ele tinha simplesmente retomado a análise que Bakunin tinha desenvolvido durante a guerra franco-prussiana de 1870-1871, o que ele mesmo reconheceu em várias ocasiões. Kropotkin é frequentemente citado como tendo dito que se ele fosse mais jovem e tivesse tido a força, ele teria pegado em armas em favor da França. Infelizmente, a declaração não é citada na íntegra. Em 4 de novembro de 1905, em *Les Temps Nouveaux* surgiu o texto de uma carta que o revolucionário havia enviado ao jornal diário a fim de retificar as palavras a ele atribuídas:

“Tenho sessenta e dois anos, não sou sentimental em relação à França, fui condenado à prisão lá, ainda estou sob um decreto de expulsão.... Bem, se a França fosse invadida pelos Alemães, eu lamentaria uma coisa. É que com meus sessenta

1 Gostaria de agradecer a Leonardo B. por sua revisão do meu texto.

2 René Berthier, *Kropotkin et la Grande Guerre – Les anarchistes, la CGT et la social démocratie face à la guerre*, Éditions du Monde Libertaire, 2014, 275 pages.

3 Concordou-se em chamar este documento de *Manifesto dos Dezesesseis*, mas na realidade, como resultado de uma má interpretação, um nome de lugar foi assimilado ao nome de uma pessoa. Continuaremos a nos referir a este texto como o *Manifesto dos Dezesesseis*.

anos de idade e mais, provavelmente não teria forças para pegar a arma para defendê-la⁴.”

Mas, acrescenta Kropotkin, se ele pegasse em armas, não seria “como um soldado da burguesia, é claro, mas como um soldado da Revolução, nas legiões francas de revolucionários, semelhantes às dos Garibaldianos e das tropas de assalto de 1871”. Essa precisão faz toda a diferença. Quando a guerra eclodiu em 1914, quando ele assinou o *Manifesto dos Dezesseis* em 1916, ele não mudou de idéia. O que mudou foi o contexto. “Façamos a Revolução e corramos para as fronteiras”, diz Kropotkin em seu artigo de 1905,⁵ mas ele aponta – e este é um ponto que o incomodará permanentemente – que se os trabalhadores franceses atuassem na “vanguarda da classe operaria ao redor do mundo”, não se sabe “até que ponto eles serão seguidos pelos trabalhadores alemães”.

É evidente que há uma séria dúvida na mente de Kropotkin.... Qualquer ação contra a guerra deve ser bilateral, caso contrário, não faz sentido. É este ponto específico que opõe Kropotkin aos anarquistas “internacionalistas ortodoxos”, que são contra a guerra por princípio, mesmo que esta oposição seja unilateral e conduza à ocupação do país derrotado.

Segundo Kropotkin, existe um conflito irreduzível entre duas visões do socialismo: a francesa e a alemã. Como resultado, a vitória da Alemanha em um conflito com a França levaria à hegemonia de sua visão do socialismo. Nisto, Kropotkin faz eco a longos debates: durante a guerra anterior, o próprio Bakunin tinha se colocado do lado da França porque considerava que a vitória prussiana teria sido uma catástrofe para a civilização européia. Por seu lado, Marx escreveu uma carta a Engels em 20 de julho de 1870, na qual se regozijava com o fato da vitória alemã ter transferido o centro de gravidade do socialismo para a Alemanha, garantindo assim “a preponderância, na cena mundial, do proletariado alemão sobre o proletariado francês”. Vemos que, desde o início, Marx viu a questão em termos da hegemonia de sua doutrina.

Kropotkin escreve que após a derrota da França em 1870, “os Alemães tentaram mudar o método e o objetivo de todo o movimento socialista”. A divisão entre as duas correntes do movimento operário “tornou-se evidente imediatamente após a Guerra Franco-Prussiana”. O conflito entre os marxistas e os bakuninianos, diz Kropotkin, não foi, portanto, um assunto pessoal, mas “um conflito entre o espírito latino e o espírito alemão, que, depois de ter derrotado a França no campo de batalha, reivindicou a supremacia no campo da ciência, política, filosofia e

4 Kropotkin, « Antimilitarisme et révolution », *Les Temps Nouveaux*, 5 novembre 1905.

5 *Ibid.*

também do socialismo e representou sua concepção do socialismo como 'científico', enquanto ele descreveu todas as outras concepções como 'utópicas' ⁶.

É duvidoso que o “espírito latino” e o “espírito alemão” tenham muito a ver com este debate: muitos outros fatores estavam envolvidos nas orientações escolhidas pelos diversos componentes do movimento trabalhista internacional. Mas é verdade que as relações entre os movimentos socialistas francês e alemão após a Guerra Franco-Prussiana foram literalmente uma relação de subordinação do primeiro ao segundo, imbuídas de uma espécie de fascínio mórbido.

No início de 1916, o comando alemão desencadeou uma grande batalha no final da qual acreditava que o exército francês iria entrar em colapso. Ele decide atacar Verdun, que os franceses defenderão a todo custo, por razões estratégicas – este é o caminho para Paris – e por razões simbólicas. Em 6 de março 1916, os Alemães lançaram um novo ataque, também repellido. 700.000 homens, franceses e alemães, caíram no campo de batalha, sem ganho territorial de nenhum dos lados.

Agora está claro que a guerra vai durar muito tempo. Seus efeitos sobre a população civil eram difíceis de suportar. Além disso, as atrocidades cometidas pelos Alemães na parte ocupada da França e na Bélgica⁷ traumatizaram a população. O comando alemão sentiu que a situação precisava de ser desbloqueada. Um quarto do território francês estava ocupado e não havia sinais de que a situação iria melhorar. Para Kropotkin, não havia dúvida de que o governo alemão simplesmente queria anexar a Bélgica e o norte da França, algo que os próprios líderes socialistas alemães reconheceriam.

É neste contexto que alguns anarquistas assinaram, em março de 1916, o *Manifesto dos Dezesseis* apoiando a participação na guerra. A data não era fortuita. Também não é por acaso que os quinze signatários estavam entre os membros mais antigos do movimento: melhor do que os jovens, eles conheciam a história e tinham em mente os fatos da guerra anterior, a de 1870. Mais do que os jovens, eles desconfiavam dos líderes da social-democracia alemã. Foi o que Kropotkin expressou em 1905: “É porque vivi a reação social e intelectual dos últimos trinta anos que penso que os anti-militares de qualquer nação deveriam defender todos os países invadidos

6 Kropotkin, *Autour d'une vie*, Stock, 22^e édition, 1921, p. 396-398.

7 Em 4 de agosto de 1914, um milhão de soldados alemães ocuparam a Bélgica. A realidade das atrocidades cometidas pelas tropas alemãs na Bélgica e no norte da França foi motivo de controvérsia. Eles foram descritas pelas autoridades alemãs após a guerra como “recheio da cabeça”. Falou-se de reféns baleados, crianças baleadas, mulheres estupradas, aldeias arrasadas. Dois historiadores irlandeses, John Horne e Alan Kramer, conduziram uma investigação nos arquivos de oito países europeus. Os resultados são esmagadores: somente no período de agosto a outubro de 1914, cerca de 6.500 civis belgas e franceses foram intencionalmente assassinados, centenas de vilarejos (e até mesmo cidades) arrasados pelo exército alemão. Os soldados alemães teriam assim cometido crimes sistemáticos e em larga escala. Essas atrocidades, das quais Kropotkin estava ciente, contribuíram para dar ao conflito mundial o sentido de uma “cruzada” contra a “barbárie”. (Cf. 1914. *Les atrocités allemandes*, Alan Kramer, John Horne, Tallandier.)

por um estado militar e demasiado frágeis para se defenderem”⁸. Para compreender o estado de espírito destes veteranos do movimento libertário, é preciso ler um pequeno folheto de Cornelissen (ele também signatário do *Manifesto*), escrito em 1917, “As consequências económicas de uma paz alemã”, no qual descreve o domínio económico que a Alemanha tinha estabelecido sobre a Europa continental após a sua vitória em 1871⁹.

Recordemos que já em 1891, Engels havia escrito que, em caso de guerra com a França, seria necessário dizer ao governo “que estaríamos dispostos a apoiá-lo na condição de que ele adotasse uma atitude em relação a nós que tornasse isso possível”¹⁰. Isto é muito claramente uma vontade de negociar com o governo por disposições em favor da social-democracia que lhe permitissem apoiar uma guerra. Isto está muito longe do internacionalismo proletário... Estas observações, feitas vinte anos após a Comuna de Paris, antecipam a atitude da social-democracia alemã durante a guerra de 1914-1918. Se a Alemanha for atacada, todos os meios de defesa são bons: “É uma questão de existência nacional e também de manter intacta nossa posição e nossas perspectivas de futuro, o que devemos às nossas lutas” –alusão às enormes propriedades imobiliárias do Partido Social Democrata. Proteção da existência nacional, preservação das conquistas e participação em um governo de defesa nacional: os ingredientes para a guerra que em breve devastará a Europa estão lá. Os piores medos de Bakunin sobre os “patriotas alemães da Internacional” se tornaram realidade.

Os próprios signatários estavam cientes de que não eram da mesma geração. Em carta ao *Les Temps nouveaux*¹¹, publicada após a guerra, Malato afirma apoiar o *Manifesto dos Dezesesseis*, ataca os “jovens” membros do movimento libertário e os lembra do que está em jogo: ele se recusa a estigmatizar como “carniceiros” aqueles que “organizaram a defesa de sociedades mais ou menos democráticas (burguesas, é claro), contra a Idade Média, o militarismo alemão e o papado”. A este respeito, ele se opõe aos do *Libertaire*¹²: “Aqueles não são de nossa geração, não nos entendem, o rótulo pode ser o mesmo, mas pensam e sentem-se contrários a nós”¹³.

Malato acrescenta:

8 Kropotkin, « Les Anarchistes et la guerre », *Les Temps Nouveaux*, 5 novembre 1905.

9 <http://monde-nouveau.net/spip.php?article657>

10 Engels, Carta à Bebel, 13 de outubro de 1891.

11 *Les Temps nouveaux* era um jornal anarquista francês fundado em 1895 por Jean Grave, e desapareceu em 1921. A maioria dos colaboradores do jornal, até então pacifistas, reuniram-se com o partido Aliado durante a Primeira Guerra Mundial, nomeadamente através do *Manifesto dos Dezesesseis*.

12 *Le Libertaire* é um jornal fundado em 1895 por Sébastien Faure. Foi publicado até Agosto de 1914, quando a sua posição antiguerra o obrigou a cessar a publicação após 960 números.

13 *Les Temps nouveaux* n° 9, 15 mars 1920.

”Isto é para lhe dizer que se eu estiver pronto para assumir todas as responsabilidades de assinar com você e nossos velhos amigos (Grave, com quem tenho discutido tanto, e talvez volte a argumentar, Tcherkesoff, Bertrand, Paul e Jacques Reclus, Cornelissen e os outros camaradas do *Temps nouveaux*), não pretendo jogar o jogo dos neoanarquistas que estão muito mais próximos de um Mauricius¹⁴ do que de Kropotkin. O campo foi abandonado aos malandros, recusando-se a executá-los e, nos momentos psicológicos, percebe-se que são essas pessoas que tomaram a direção do movimento e que não contamos mais. »

Estas palavras mostram claramente o abismo que tinha crescido entre os signatários do “*Manifesto*” e o resto do movimento, que Malato chama de “neoanarquistas”.

O *Manifesto dos Dezesesseis* não foi concebido como um incitamento à participação na guerra, se quisermos acreditar em Jean Grave. Evocando em *Le Mouvement libertaire sous la III^e République*¹⁵ uma conversa que ele teve com Kropotkin, ele escreveu que os leitores não poderiam ser impedidos de interpretar o *Manifesto* como um apelo à participação na luta, “mas o que estava em jogo era o perigo de uma tentativa de hegemonia alemã, o perigo para a evolução humana do triunfo do militarismo alemão, e nada mais. »

Jean Grave, e presumivelmente Kropotkin com ele, não tinha ilusões sobre o significado prático do *Manifesto dos Dezesesseis*: como não tinha sido possível “impedir a conflagração, era preciso ser absolutamente desprovido de julgamento para imaginar que, uma vez desencadeada, íamos ser capazes de detê-la”¹⁶. Mesmo que o *Manifesto dos Dezesesseis* refletisse posições extremamente minoritárias, ele dividiria profundamente o movimento libertário francês. A própria qualidade de seus signatários, e em particular a Kropotkin, teve algo a ver com isso.

O ano de 1916 marcou um ponto de viragem na própria Alemanha. O aparelho militar, ao contrário do que estava acontecendo na França, estava em vias de se tornar autônomo do poder civil. Na França, a tendência dos militares a dominar o poder civil era claramente visível no início da guerra, mas o poder político conseguiu recuperar o controle, graças à força da tradição republicana e parlamentar. A famosa frase atribuída a Clemenceau, “a guerra é um assunto sério

14 Maurice Vandamme (1886-1974), mais conhecido sob o pseudônimo Mauricius. Desde o início, em 1905, foi um dos principais colaboradores de *L'Anarchie*, um órgão dos anarquistas individualistas fundado por Libertad. No congresso anarquista de Paris em Agosto de 1913, querendo expor o ponto de vista dos individualistas, foi levado à tarefa por Jean Grave e Pierre Martin e expulso do congresso. Em Abril de 1916, juntamente com Sébastien Faure, fundou o jornal pacifista *Ce qu'il faut dire* (CQFD), que geriu sob o seu verdadeiro nome.

15 Jean Grave, *Le Mouvement libertaire sous la III^e République*, Les œuvres représentatives, 1930.

16 Citado por Philippe Riviale, *Des socialistes révolutionnaires contre le parti : 1900 : Écrits sous la cendre*, L'Harmattan, p. 224.

demais para ser confiada aos militares”, assume aqui todo o seu significado. Não havia Clemenceau na Alemanha.

De Gaulle, que era prisioneiro de guerra em 1917, declarou que a Alemanha havia perdido a guerra porque os generais não mais obedeciam ao poder civil. Os generais Hindenburg e Ludendorff exerceram, a partir de agosto de 1916, uma quase ditadura e concentraram em suas mãos responsabilidades políticas que os generais franceses nunca assumiram. Foi estabelecida uma burocracia militar que monopolizou a maior parte das decisões políticas. Isto conduziu o Estado Maior alemão a um comportamento autista: no final da guerra, Ludendorff estava a dar ordens a divisões que já não existiam.

No outono de 1918, a sociedade alemã e o exército estavam exaustos e não tinham mais reservas para continuar a guerra; naquela época, os soldados franceses representavam apenas 40% do número total de tropas, enquanto os Aliados receberam a partir de junho de 1918 a contribuição de 450.000 Americanos e a enorme quantidade de equipamentos militares comprados a crédito nos Estados Unidos, que a França continuou a pagar até os anos 80¹⁷. O exército alemão, por sua vez, estava se desintegrando, dissolvendo-se literalmente no deserto após as ofensivas de primavera. Embora tenha sido o comando militar que solicitou o armistício, conseguiu fazer com que as autoridades civis e parlamentares assumissem a responsabilidade pela derrota. A direita alemã conseguiu assim construir o mito de um exército que na realidade foi vitorioso, mas que foi apunhalado pelas costas.

Dentro do movimento libertário, a alternativa considerada era:

- Ou nos recusamos a tomar uma posição, manter um ponto de vista internacionalista e, em caso de vitória alemã, retomar a luta revolucionária;
- Ou a vitória alemã estabelece uma ditadura militar sobre toda a Europa, bloqueando indefinidamente qualquer possibilidade de luta revolucionária.

O ponto crucial do problema foi a atitude do proletariado alemão no caso de uma vitória do Reich. Kropotkin era extremamente cético sobre as posições que a liderança do Partido Social Democrata Alemão poderia tomar.

17 As relações entre a França e os Estados Unidos deterioraram-se rapidamente nos anos vinte, à medida que os Estados Unidos exigiam o reembolso de empréstimos de guerra, enquanto a França queria sujeitar esse reembolso ao pagamento de reparações pela Alemanha. Após a derrota de 1871, a França teve que pagar – pagou *efetivamente* – enormes reparações de guerra na Alemanha.

1912 : “A Guerra”

Kropotkin não ignorava os conflitos inter-imperialistas de seu tempo: ninguém podia ignorá-los, pois periodicamente eclodia uma nova crise, e cada vez se temia que a guerra entre a França, a Alemanha e a Inglaterra se desencadeasse.

Um texto de Kropotkin intitulado “A Guerra” foi publicado em 1912. Era um capítulo da *Ciência Moderna e Anarquia*, no qual ele expôs de forma densa e concisa sua opinião sobre a função da guerra no regime capitalista e estatal. É difícil examinar as posições defendidas pelo velho revolucionário em 1916 sem saber o que ele disse sobre a guerra em seu texto de 1912; não que isso prefigurasse de forma alguma suas escolhas posteriores, pelo contrário. Sabendo o que ele realmente pensava da guerra, talvez possa lançar alguma luz sobre as motivações por trás de sua escolha de apoiar a França contra a Alemanha em 1916.

Neste texto, ele insere o fenômeno colonial no âmbito de uma visão global na qual os projetos da alta finança e dos governos nacionais estão ligados. A Alemanha não desempenha o papel do “vilão”, como no *Manifesto dos Dezesesseis*, mas aparece como um ator secundário na competição até a morte entre as grandes potências, ou mesmo quase como vítima do poder dominante do momento, a Inglaterra, que faz de tudo para contê-lo dentro de seus limites territoriais, para impedi-lo de jogar na corte dos grandes.

A guerra que se desencadeará dois anos mais tarde, que já quase se desencadeou várias vezes, é, na mente de Kropotkin, sem dúvida, uma guerra inter-imperialista, mesmo que ele não use o termo. Seu texto é uma descrição do contexto econômico e político que conduzirá à conflagração. A questão colonial é simplesmente a exportação a partir do território europeu dos conflitos entre Estados sobre a expansão de suas economias.

Os países dominados são apenas “nações industrialmente atrasadas”; eles não têm outro status. Não há nada no trabalho de Kropotkin que sugira que eles sejam *inferiores*. Em nenhum momento Kropotkin vê a dominação colonial como potencialmente positiva para os países dominados, como fazem os socialistas franceses e alemães. Não há nem o cinismo dos social-democratas alemães que vêem a colonização como trazendo “civilização” às populações dominadas, nem as reservas falsamente virtuosas de alguns republicanos e socialistas franceses que defendem o colonialismo “humano”¹⁸. Grandes potências e países dominados são dois elementos integrantes do sistema capitalista e estatal global, e estão inter-relacionados.

18 A Segunda Internacional foi atravessada por correntes opostas sobre a questão colonial. No Congresso de Paris em 1900, a política colonial foi condenada por um voto. Em 1904 em Amsterdã, uma tendência viu na questão colonial um facto inevitável, até mesmo necessário para os socialistas. Após 1907, uma corrente viu na colonização um facto civilizador que os socialistas tiveram de assumir; outra corrente condenou as práticas coloniais mas reconheceu de facto um factor de civilização; uma terceira corrente condenou a colonização em sua natureza.

O outro aspecto interessante do texto é que Kropotkin mostra um conhecimento profundo das armas utilizadas na época e da terrível devastação que causaram, assim como das estratégias empregadas: ele mostra que a guerra russo-japonesa prefigurou as guerras modernas, por um lado pela sua duração e, por outro, pelos meios, pelas forças engajadas e pelas perdas. A antecipação das guerras modernas também é revelada pela logística, que não tem mais nada a ver com guerras anteriores: armamentos, comunicações, o uso de operações complexas combinadas de mar e terra, e assim por diante. Claramente, os estrategistas franceses tinham compreendido estes desenvolvimentos muito menos do que Kropotkin, desde que entraram no primeiro conflito do século 20 com os métodos das guerras do século 19 em mente.

Deste panorama muito rápido do panfleto de Kropotkin¹⁹, fica claro que ele tinha compreendido plenamente os riscos da guerra que eclodiu em 1914 e as conseqüências, particularmente em termos de perdas humanas, que esta guerra provocaria. Em 1912, Kropotkin descreveu como seriam as batalhas da Primeira Guerra Mundial, enquanto o pessoal do exército francês ainda estava elaborando estratégias similares às das Guerras Napoleônicas, com soldados de calças vermelhas marchando em fila. Kropotkin conclui sua descrição dizendo que “os trabalhadores ocidentais não suspeitam sequer deste terrível retorno à mais horrível selvageria que a guerra moderna representa, e os burgueses que a conhecem têm o cuidado de não lhes contar”.

1914 : Carta a Steffen

Entre “A Guerra” de 1912 e o *Manifesto dos Dezesesseis* de 1916, houve uma carta escrita a um correspondente sueco, o professor Gustav Steffen. Sob o título “Kropotkin on the Present War” esta carta foi publicada em *Freedom*²⁰ em outubro de 1914, e nos Estados Unidos na revista *Mother Earth* em novembro. Assim, está em uma posição intermediária em relação ao texto de 1912 intitulado “A Guerra” e o *Manifesto dos Dezesesseis*, que há todos os motivos para acreditar que foi escrito por Kropotkin, na medida em que contém passagens que são absolutamente idênticas às da carta a Steffen. Kropotkin também se refere às posições adotadas por Bakunin durante a guerra franco-prussiana, cujas principais linhas ele vai adotar. Em uma carta a Marie Goldsmith, ele afirma:

“...Em 1871, Bakunin disse aos trabalhadores alemães que era seu dever revoltar-se contra seu governo que queriam fazer conquistas na França. Mas como Bakunin e

¹⁹ “Commentaire sur un texte peu connu de Kropotkine: La Guerre”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article628>

²⁰ *Freedom* é um jornal anarquista fundado em Londres em Outubro de 1886 por Charlotte Wilson e Pierre Kropotkin.

seus amigos sabiam que o povo alemão não lhes daria ouvidos, apelaram a todos os revolucionários de qualquer nacionalidade para defender a França contra os invasores. E quando todos os membros da Internacional em Paris, estendendo suas mãos para os blanquistas, se alinharam sob a bandeira da Comuna, era na esperança de expulsar os Alemães da França pelo esforço das Comunas revoltadas. Eles entenderam que, se bem sucedida, esta teria sido a verdadeira, a única maneira de lançar a revolução social, ou pelo menos de dar os primeiros passos nela²¹.”

Kropotkin também lembra que o *Boletim da Federação do Jura* apoiou a causa da “insurreição de Herzegovina contra o jugo turco”, que os bakuninistas foram apoiar esta causa no terreno, que outro foi apoiar “a insurreição de Arabi Pasha pela independência do Egito”, e que os jornais anarquistas “lutaram corajosamente pela independência da Irlanda, dos bôeres, do Cáucaso, da Polônia e da Finlândia”. A posição de Kropotkin é reduzida à afirmação da independência nacional da França (e da Bélgica). Em resumo, não há razão para se opor à ocupação da Argélia pela França, ou da Índia pela Inglaterra, e aceitar a ocupação da Bélgica e parte da França pela Alemanha....

Como Kropotkin mais tarde, Bakunin pensou que uma vitória alemã seria uma terrível regressão para a Europa e apelou para uma revolta popular contra a ocupação alemã a fim de transformar a guerra em uma revolução. Bakunin, portanto, apoiou sem reservas a França nesta guerra, pelas mesmas razões que Kropotkin, mas o ancião teve a sorte de a guerra se ter transformado numa revolta popular, o que sem dúvida o salvou das acusações que Kropotkin teve que sofrer.

A carta a Steffen ecoa debates entre Marx e Bakunin sobre o centro de reação na Europa. Era uma questão de quem, Alemanha e Rússia, tinha a iniciativa das ações destinadas a manter o status quo reacionário na Europa, resultante do Tratado de Viena (1815). Segundo Marx, a Rússia foi o maestro que liderou todas as manobras antidemocráticas que ameaçavam a Europa. Bakunin, mais matizado, tinha uma posição mais “dialética”: embora a Rússia tivesse sido por muito tempo um freio a qualquer desenvolvimento democrático no continente, era agora uma potência em declínio e não tinha mais capacidade de influenciar significativamente a política européia, muito menos de intervir militarmente no contexto de uma expansão territorial em direção ao Ocidente. Agora era a Alemanha que tinha essa capacidade.

21 Pierre Kropotkine à Marie Goldsmith 23 février 1916, in « Anarchisme et internationalisme. Autour du Manifeste des Seize. Correspondance inédite de Pierre Kropotkine et de Marie Goldsmith, janvier-mars 1916. » *Cahiers du monde russe et soviétique*, 1981, vol. 22, n° 22-2-3.

Não é por acaso, portanto, que Kropotkin escreve em sua carta a Steffen que “os últimos quarenta e três anos foram a confirmação do que Bakunin escreveu em 1871, ou seja, que se a influência francesa na Europa desaparecesse, ela seria retardada em seu desenvolvimento por meio século. E hoje é óbvio que se a atual invasão da Bélgica e da França não for repelida pelo esforço comum de todas as nações da Europa, vamos experimentar outro meio século, ou mais, de reação geral”.

Este é exatamente o dilema enfrentado pelos signatários do *Manifesto dos Dezesesseis*. Na verdade, a maioria deles eram “veteranos” que haviam vivido o período da guerra franco-prussiana; haviam experimentado a regressão sofrida pelo movimento operário após a guerra e viviam na angústia de que tudo começaria de novo. Kropotkin está, portanto, absolutamente certo que “durante os últimos quarenta anos, a ameaça de uma guerra franco-prussiana tem pairado permanentemente sobre a Europa”.

Alexander Berkman respondeu à carta de Kropotkin para o professor sueco. Ele lembra que o velho revolucionário sempre disse que “a razão da guerra moderna é sempre a competição por mercados”, e ele aponta que “na carta ao professor Steffen, Kropotkin estranhamente esquece de mencionar a classe trabalhadora das potências combatentes”, o que não é verdade. Berkman pergunta novamente: “Mas onde estão os trabalhadores?” O próprio Berkman responde à sua própria pergunta, de certa forma: “O militarismo de um país – de qualquer país – não é baseado no consentimento do povo?”

Para sair da guerra, Berkman passa a especificar: “Kropotkin não disse sempre que somente a consciência revolucionária e a solidariedade econômica dos trabalhadores poderiam forçar o capital e o governo a acabar e, em última instância, aboli-la?”

Mesmo antes da fundação da CGT, já em 1893, o movimento sindical francês tinha estabelecido a necessidade de organizar uma greve geral em caso de guerra com a Alemanha. Mas esta greve geral não devia ser unilateral: é por isso que a CGT, uma vez fundada, tentou obstinadamente em muitas ocasiões discutir com os líderes dos trabalhadores alemães a organização de uma greve geral conjunta em ambos os países. Opõe-se sistematicamente às recusas frequentemente desdenhosas dos líderes alemães até praticamente à véspera da guerra. Apenas a CGT conseguiu organizar uma greve geral contra a guerra em 1912, sem que tal iniciativa tivesse alguma vez tido lugar na Alemanha. Precisamente, em 1914, em 1916, onde está “a consciência revolucionária e a solidariedade econômica dos trabalhadores”?

Agora os signatários do *Manifesto dos Dezesesseis* afirmam que ficariam encantados em ver as

condições de paz discutidas pelos trabalhadores europeus, mas o povo alemão deve perceber que foi enganado, que não está lutando para defender seu território, mas que, pelo contrário, foi lançado numa guerra de conquista. A imprensa alemã, diz o *Manifesto dos Dezesesseis*, “prepara a nação para a idéia da anexação da Bélgica e dos departamentos do norte da França”. E não há força na Alemanha capaz de se opor a ela. Os trabalhadores, que deveriam ter levantado sua voz contra as conquistas, não o fazem.” Os líderes sociais-democratas alemães assimilaram totalmente que a anexação da Bélgica e de um quarto da França era um fato irreversível.”

O que os anarquistas “ortodoxos” respondem? Eles respondem, como Malatesta, que é melhor sofrer uma ocupação estrangeira do que aceitar fazer guerra, porque assim podemos retomar a luta social; que é incrivelmente ingênua.

Kropotkin acrescentou três parágrafos à sua carta a Steffen que podem servir como conclusão. Ele delineou uma espécie de programa imediato:

1, “A guerra não pode ser combatida por sonhos pacifistas (...) assim como não pode ser combatida pelo tipo de propaganda antimilitarista que tem sido realizada até agora”.

2. “As causas da guerra devem ser atacadas em suas raízes.” Kropotkin espera que esta guerra “abra os olhos das massas trabalhadoras e de um grande número de homens entre a classe média educada.

3. Entretanto, “os territórios da França e da Bélgica devem ser libertados dos invasores”.

Em sua resposta a Kropotkin, Berkman se encontra no registro moral: ele condena “sem reservas todas as guerras capitalistas, quaisquer que sejam os sofismas usados para defender um ou outro bando de piratas e exploradores como mais liberais” (e as guerras que não são capitalistas?).

Kropotkin pode concordar com Berkman quando diz que “a guerra é o jogo dos senhores, sempre às custas dos trabalhadores enganados”, mas o revolucionário russo parece pensar que são sobretudo os trabalhadores alemães que foram enganados, o que não é totalmente falso se compararmos, por um lado, os esforços feitos até o último momento pelos líderes da CGT francesa para negociar com seus homólogos alemães uma ação comum contra a guerra, e por outro lado as manipulações exercidas por estes últimos contra os trabalhadores alemães...

Existe uma obsessão entre a população alemã que remonta a um longo caminho: o perigo russo. Esta obsessão, mantida pelo poder político, foi largamente retomada e amplificada por

Marx e Engels, e depois pela social-democracia alemã. Em 1914, os Alemães tinham sido persuadidos de que o objectivo da guerra era protegê-los do perigo russo. O fortalecimento da Alemanha havia levado a França a concluir uma aliança com a Rússia. Esta aliança foi imposta por a necessidade do Estado de conter o expansionismo alemão na Europa. Um dos efeitos “colaterais” desta aliança foi confirmar na população alemã o sentimento de que seu país era vítima de cerco (*Einkreisung*). Esta sensação não se limitava à direita, mas era generalizada à esquerda. Talvez isto explique a cumplicidade óbvia da social-democracia alemã com os planos de guerra do Estado. No mesmo ano de 1913, os deputados socialistas alemães votaram um enorme imposto de guerra adicional (em Fevereiro) depois de assinarem um manifesto de paz com os seus homólogos franceses (em Janeiro) e enviarem um dos seus próprios, Molkenbuhr, para visitar a França (em Março) para persuadir os franceses de que a Alemanha nunca os atacaria. Precisava da insondável ingenuidade dos líderes socialistas franceses para engolir esta serpente.

Kropotkin e Berkman estão em dois registros completamente diferentes: o primeiro considera os fatos e prevê seus possíveis desenvolvimentos. Ele analisa a estratégia do Estado-Maior Alemão com base nos territórios já ocupados pelo Exército do Reich e antecipa os planos de expansão territorial. Considerando estes desenvolvimentos inaceitáveis, ele escolhe seu partido. O segundo é colocado em um nível moral: a guerra é um mal em si mesma, nenhuma explicação geopolítica, assimilada a um “artifício da alta política”, é aceitável.

1915 : “A Internacional Anarquista e a Guerra”.

O manifesto intitulado “A Internacional Anarquista e a Guerra” foi publicado em 12 de fevereiro de 1915, quase exatamente um ano antes do “*Manifesto dos Dezesesseis*”. É um documento que representa a ortodoxia anarquista em termos de internacionalismo, um internacionalismo que eu qualificaria de “proclamativo”:

“...não há distinção possível entre guerras ofensivas e defensivas...(...) Nosso papel é chamar os escravos para se revoltarem contra seus senhores. A propaganda e a ação anarquistas deve ser aplicadas com perseverança para enfraquecer e desintegrar os diversos estados, cultivar o espírito de revolta e criar descontentamento entre os povos e exércitos. »

O documento não diz quem é o responsável pelo conflito. É o resultado da desigualdade

econômica e social, do antagonismo selvagem de interesses. A guerra era inevitável porque os orçamentos militares vinham aumentando de forma constante há meio século. Portanto, não se pode fazer distinção entre guerra ofensiva e defensiva.

”No atual conflito, os governos de Berlim e Viena se justificaram com documentos não menos autênticos que os governos de Paris, Londres e Petrogrado; é a qual destes ou daqueles que produzirão os documentos mais indiscutíveis e decisivos para estabelecer sua boa fé, e se apresentam como o imaculado defensor do direito e da liberdade, o campeão da civilização. »

Não apontar a culpa pelo conflito é uma posição de princípio: a guerra é inerentemente repreensível, de modo que não pode haver agressor ou agredido. Certamente, ao tentar explicar como começou uma guerra, pode-se ser tentado a enganar a verdade para apontar para um culpado e não para outro. Mas o fato de que este risco existe não é suficiente para desqualificar qualquer análise histórica. As proclamações internacionalistas têm precisamente o defeito de recusar qualquer análise real do contexto e dos fatos.

“A Internacional Anarquista e a Guerra” afirma que nenhum Estado é competente para reivindicar os valores da civilização, e o texto não deixa de mencionar, no que diz respeito ao governo francês, “Biribi, as sangrentas conquistas de Tonkin, Madagascar, Marrocos, com o recrutamento forçado de tropas negras”, e que se mantém na prisão há anos “camaradas culpados apenas de terem falado e escrito contra a guerra”. Nenhum dos Estados beligerantes tem o direito de reivindicar a civilização, pois a causa primária da guerra reside “unicamente na existência do Estado, que é a forma política de privilégio”; é a “opressão organizada em benefício de uma minoria privilegiada”, opressão apoiada por partidos políticos, “mesmo partidos da oposição”, e com a ajuda da imprensa.

“O papel dos anarquistas, não importa onde ou em que situação se encontrem, na tragédia atual, é continuar a proclamar que existe apenas uma guerra de libertação: aquela que em todos os países é travada pelos oprimidos contra os opressores, pelos explorados contra os exploradores.”

Portanto, é necessário trabalhar para “enfraquecer e desintegrar os diversos Estados, cultivar o espírito de revolta e criar descontentamento entre os povos e exércitos”. É necessário “aproveitar

todos os movimentos de revolta e descontentamento, fomentar a insurreição, organizar a revolução”. É um documento que poderia ser descrito como “clássico” na literatura anarquista internacionalista: a guerra é produto do capitalismo, ela é implementada pelos estados. Os trabalhadores, os camponeses, o povo em geral, não têm nada a ganhar com isso. A guerra deve ser transformada em revolução.

“A Internacional Anarquista e a Guerra” estabelece os princípios gerais que devem ser adotados em caso de guerra, mas nada mais. Todos os beligerantes são colocados uns contra os outros. Não há uma análise da situação concreta no momento em que o texto é escrito, da situação internacional. Pode se aplicar a praticamente qualquer guerra, a qualquer momento.

O *Manifesto dos Dezesseis* é bem diferente.

1916 : O *Manifesto dos Dezesseis*

Kropotkin e alguns anarquistas da época consideravam a Alemanha como o agressor, facto confirmado de certa forma pela ocupação da Bélgica, de um quarto da França e de uma grande parte da Rússia europeia. A Alemanha era vista como o modelo do estatismo e do militarismo, enquanto que a França era “a pátria da revolução de 1789”. Uma vitória alemã teria sido, portanto, uma enorme regressão para toda a Europa. Esta corrente, descrita como “defensista”, escreveu um manifesto conhecido como o “*Manifesto dos Dezesseis*” que causou uma grande agitação no movimento libertário, mas que obviamente não teve influência real no curso subsequente da guerra – um ponto sobre o qual os signatários deveriam ter reflectido.

O “*Manifesto dos Dezesseis*” contém muitos dos elementos da carta a Gustav Steffen²², mas há uma diferença importante com o texto intitulado “A Guerra” que Kropotkin escreveu em 1912: a Alemanha já não é um personagem secundário nas relações inter-imperialistas, mas um actor decisivo.

Assinado a 28 de Fevereiro de 1916, o *Manifesto* foi publicado a 14 de Março de 1916 no diário sindicalista *La Bataille*. Kropotkin referiu-se a este texto como o “Projecto de Declaração de Paz”. Na edição de 14 de Abril de 1916 da *La libre Fédération de Lausanne*, são anunciadas cerca de cem novas assinaturas, vindas da França, Itália (as mais numerosas), Suíça, Inglaterra, Bélgica e Portugal.

Os anarquistas “ortodoxos”, ou internacionalistas, estavam inquestionavelmente em maioria e

²² Maurice Laisant escreve que o “*Manifesto dos Dezesseis*” foi escrito “por instigação de Jean Grave”. Michaël Confino escreve sobre este assunto: “Kropotkin indica [...] (carta de 8 de Fevereiro de 1916) que foi ele quem redigiu o *Manifesto dos Dezesseis*, tendo-o depois submetido aos outros signatários para alterações e aprovação. » (« Anarchisme et internationalisme. Autour du Manifeste des Seize. Correspondance inédite de Pierre Kropotkine et de Marie Goldsmith, janvier-mars 1916. » *Cahiers du monde russe et soviétique*, 1981, vol. 22, n° 22-2-3.)

consideravam a guerra do único ponto de vista de princípios, que não podia ser contestado: a guerra era o resultado do sistema capitalista e do Estado. Como os anarquistas se opunham a ambos, questionar o princípio da oposição a qualquer guerra não era uma opção: a guerra era um “ajuste de contas entre ladrões imperialistas” e não importava quem era o agressor ou o agredido, o vitorioso ou o vencido. A única coisa que importava era a luta contra o militarismo, o patriotismo e pela revolução social.

Os signatários do *Manifesto dos Dezasseis* opuseram-se à ortodoxia rigorosa da maioria do movimento anarquista com uma visão relativista da situação. Isto aparece muito claramente num texto de Jean Grave publicado em 22 Setembro de 1922. Grave afirma que ele e os seus amigos são perfeitamente internacionalistas e que “até à declaração de guerra” combateram o militarismo: “os meus camaradas e eu podemos gabar-nos de ter liderado esta campanha melhor do que ninguém”, diz ele. Jean Grave acrescenta uma coisa interessante:

“A única falha que tivemos foi que sempre discutimos abstratamente, que não sabíamos como considerar casos particulares, e também que raciocinávamos como se os anarquistas devessem ser mestres dos acontecimentos²³.”

Significa isto que os signatários pensaram que o “*Manifesto dos Dezasseis*” iria realmente influenciar o curso da guerra?

Grave reconhece que, de um ponto de vista abstrato, “um governo vale o outro. Na prática, no entanto, este raciocínio não se mantém. Sob alguns governos, ao custo de alguns meses na prisão, alguns aborrecimentos, a propaganda das nossas ideias é possível. Sob outros governos, isso é impossível”. Jean Grave coloca então a questão: “Sob o pretexto de que não queremos nenhum governo, devemos concluir que se houvesse uma tentativa de nos impor um regime como o do czarismo, por exemplo, os anarquistas teriam de se sentar e deixar que isso acontecesse?” Esta pode ser a linha divisória entre os anarquistas “ortodoxos” e os “pragmáticos”, signatários do “*Manifesto dos Dezasseis*”. Para Grave, “só pode aumentar a quantidade de liberdade de que goza se souber como defender a liberdade que já tem.” De acordo com Grave, a vitória alemã teria sido, “durante pelo menos um século”, a morte de qualquer ideia de emancipação em toda a Europa: “Isto, para mim e para os meus co-signatários, era inegável”.

De acordo com o *Manifesto*, o povo alemão foi enganado em 1914: ele realmente acreditava que estava defendendo seu território. Mas os trabalhadores alemães já deveriam ter entendido que

23 *Encyclopédie anarchiste*, Lettre “S”, p. 105.

os planos para a invasão da França, Bélgica e Rússia haviam sido preparados há muito tempo: “agora, após vinte meses de guerra e terríveis perdas, eles deveriam perceber que as conquistas feitas pelo exército alemão não podem ser mantidas”. Portanto, cabe aos trabalhadores alemães reconhecer que eles foram enganados; eles devem recusar qualquer anexação ou qualquer idéia de indenização de guerra em benefício da Alemanha, e admitir, por outro lado, que a Alemanha deve “reparar os danos materiais causados pelos invasores a seus vizinhos”. É nestas condições, diz o *Manifesto*, que “pode haver uma base comum para um início de discussão sobre a paz”.

”Infelizmente, até agora não vimos nenhum sintoma do despertar do povo alemão neste sentido”. Tanto mais que, no momento em que o *Manifesto dos Dezesesseis* está sendo escrito, a França está em uma posição muito ruim. É quase certo que seus redatores pensavam que a França estava perdendo a guerra: como evidenciado pelo fato de que o *Manifesto* diz que os alemães não devem reclamar indenização de guerra.

Cerca de um ano antes da elaboração do *Manifesto dos Dezesesseis*, de 5 a 8 de setembro de 1915, foi realizada em Zimmerwald, Suíça, uma conferência de socialistas opositores aos partidos oficiais, a favor do internacionalismo e contra o nacionalismo e o chauvinismo. Trinta e oito delegados de diferentes países europeus estiveram presentes: suíços, suecos, noruegueses, holandeses, poloneses, romenos, alemães, franceses, russos, italianos, britânicos, búlgaros, assim como representantes do Bund, a organização socialista dos trabalhadores judeus do Leste Europeu.

É significativo que, praticamente desde o início o *Manifesto dos Dezesesseis* esforça-se para desqualificar a conferência de Zimmerwald: “Falou-se da conferência de Zimmerwald, mas faltou o ponto essencial: a representação dos trabalhadores alemães.” Isto é absolutamente falso. O SPD, o partido socialista oficial na Alemanha, não foi convidado, nem a seção francesa da Internacional operária (SFIO), por causa de seu apoio à guerra. No entanto, havia representantes alemães na conferência: Adolf Hoffmann e Georg Ledebour.

Deve-se notar que um deles, Ledebour, opôs-se sistematicamente, antes da guerra, às propostas feitas pela CGT para prever uma ação conjunta no caso de um surto de hostilidades entre os dois países. Em 1914 ele se opôs à votação dos créditos de guerra, mas finalmente votou os créditos em 4 de agosto, por disciplina partidária.

Na verdade, Kropotkin estava convencido de que os “Zimmerwaldianos” eram pró-alemães. Ele parece pensar que a Conferência de Zimmerwald ocorreu somente porque a Alemanha estava em uma posição forte – que foi o caso em 1915 – e que uma negociação de paz teria sido favorável à Alemanha. De fato, a oposição categórica de Kropotkin às opções de Zimmerwald

deriva de sua crença de que um fim incondicional e imediato da guerra daria enormes vantagens estratégicas e diplomáticas à Alemanha, que ocupa dez departamentos no Norte e Leste da França (quase um quarto do país, a parte mais industrializada com enormes reservas de carvão), Bélgica e grande parte da Rússia Europeia. Negociações sob estas condições levariam a Alemanha a reter parte de seus ganhos territoriais. É por isso que os anarquistas “defensistas” opunham-se à ideia de “paz imediata”. Kropotkin não estava longe de pensar que a conferência de Zimmerwald e a conferência de Kienthal que teve lugar pouco depois, tinham o objetivo implícito de servir os interesses alemães.

É possível que Kropotkin já não tenha visto a situação em termos de “guerra imperialista”, mas em termos de “luta de libertação nacional”. Essas duas conferências não tiveram mais efeito prático imediato no curso da guerra do que o *Manifesto dos Dezesesseis*, mas tiveram o mérito de reafirmar posições de princípio. O *Manifesto dos Dezesesseis* afirma que o governo alemão está se preparando para novas ofensivas – o que era verdade. Qual era o ponto de vista da imprensa alemã?

“A imprensa burguesa está preparando a nação para a idéia da anexação direta da Bélgica e dos departamentos do norte da França. E não há força na Alemanha capaz de se opor a ela. Os trabalhadores, que deveriam ter levantado sua voz contra as conquistas, não o fazem. Os trabalhadores sindicalizados estão sendo arrastados pela febre imperialista, e o Partido Social Democrata, muito fraco para influenciar as decisões do governo sobre a paz, mesmo representando uma massa compacta, se vê dividido sobre este assunto em dois partidos hostis, e a maioria do partido está marchando com o governo.”²⁴

Sobre o desejo alemão de anexar a Bélgica, o *Manifesto dos Dezesesseis* não se engana. Entrevistado por Edward Hunt, um humanitário americano, Kautsky havia declarado: “Você pode ver que os jornais estão preparando a nação para a anexação final da Bélgica”. Kautsky acrescentou uma observação que obviamente chocou o Americano: “Nós compramos esta província com nosso sangue.” É uma observação interessante, que mostra que o social-democrata obviamente aceitou a idéia da anexação deste país, que é chamado de *província*. O Americano também aponta que seu interlocutor não fala nada de *sangue belga*²⁵.

24 *Manifeste des Seize*.

25 Cf. *War Bread. A personal narrative of the war and relief in Belgium*, Edward Eyre Hunt, American delegate of the commission for relief in Belgium in charge of the province of Antwerp. New York, Henry Holt and Company, 1916. (p. 63.)

Em uma carta a J. Guérin datada de 28 de julho de 1916, Kropotkin escreveu sobre este assunto:

”Os fatos estão confirmando cada vez mais nossa maneira de ver, expressa na 'Declaração'. Bülow e seus doze secretários haviam manobrado fortemente na Suíça para semear a paz e para tentar encontrar apoiadores para a idéia. Agora vemos que o governo alemão nunca pensou em desistir de nenhuma de suas conquistas sem receber fortes contribuições em troca e sem reter as partes dos territórios invadidos na Bélgica e na França que mais sorriam para ele. É preciso ser extremamente ingênuo para não ver que este era um meio de semear a discórdia entre as nações aliadas, porque os alemães sabiam, tenho certeza, que tipo de ofensiva estava sendo preparada para o verão. Esperemos que tenha sucesso e os Alemães logo perceberão que invadir um território e fortificá-lo ainda não o está conquistando. »

Os signatários do *Manifesto dos Dezesesseis* protestam contra as ilusões dos libertários a respeito das “disposições pacíficas daqueles que dirigem o destino da Alemanha”. Eles preferem “enfrentar o perigo de frente e buscar o que pode ser feito a respeito”. O que é chamado de agressão alemã é visto pelos signatários como uma ameaça não apenas para “as esperanças de emancipação”, mas também para “toda a evolução humana”:

”É por isso que nós anarquistas, nós anti-militares, nós inimigos da guerra, nós defensores apaixonados da paz e da fraternidade dos povos, nos colocamos do lado da resistência e não acreditamos que devemos separar nosso destino do do resto da população.”

Os signatários do *Manifesto* teriam preferido que a população tomasse nas suas próprias mãos a sua própria defesa – sem, contudo, o documento especificar se se trata de uma defesa do território nacional ou de uma defesa para alcançar a revolução social. Mas, “tendo isto sido impossível, havia apenas que suportar o que não podia ser alterado”. Este ponto é sem dúvida o pivô do “*Manifesto dos Dezesesseis*”. Se, em caso de guerra, as posições internacionalistas não levarem a uma cessação das hostilidades, e se um dos beligerantes ocupar a totalidade ou parte do território dos vencidos, o que deve ser feito?

As proclamações do movimento anarquista “ortodoxo” não respondem a esta questão, excepto dizendo, como Malatesta, que é melhor sofrer uma ocupação do que fazer guerra, porque neste

caso pode-se então continuar a luta social – uma posição muito ingénuas: A experiência da guerra seguinte mostrou o que aconteceu com as lutas sociais sob ocupação nazista, quando os recursos industriais e agrícolas do país foram literalmente pilhados pelo ocupante e a população foi flagelada pela fome.

O *Manifesto dos Dezesesseis*, ao contrário dos habituais textos internacionalistas, não se coloca num registo de “proclamação”, à maneira de : “Trabalhadores de todos os países, uni-vos”, sem que aqueles que escrevem estas proclamações possam mudar o estado real das coisas. É colocado num registo “analítico” ou “pragmático”, que se limita a registrar a realidade. Diz-se, portanto, que :

1. O contexto é absolutamente desfavorável a qualquer discussão sobre a paz. De facto, negociar a paz quando a Bélgica, dez departamentos do norte de França e uma grande parte da Rússia na Europa estão ocupados coloca a Alemanha numa posição favorável.

2. O esforço de guerra deve, portanto, ser intensificado, uma vez que uma vitória alemã teria consequências trágicas, políticas (esmagamento do socialismo francês), culturais (hegemonia alemã) e económicas (perda de regiões vitais do país e pagamento de reparações de guerra).

As posições de Kropotkin em 1916 eram extremamente minoritárias no movimento anarquista da época, deve ser lembrado. No entanto, baseiam-se em análises surpreendentemente semelhantes às feitas pelo Bakunin em 1870-1871. Esquecemos que Bakunin tomou uma posição clara a favor da França em 1870, pelas mesmas razões que Kropotkin. Como Bakunin, Kropotkin queria a transformação da guerra em uma revolução social – um fato que é muito pouco enfatizado. Mas a guerra de 1870 conduziu à revolta comunalista em Paris, que permitiu que Bakunin fosse muito ativo na tentativa de transformar a guerra em revolução, o que não era o caso de Kropotkin em 1914.

Pode um teórico revolucionário limitar-se ao registo pragmático, por mais óbvio e convincente que seja, quando princípios essenciais estão em jogo? Se o teórico quer manter sua qualidade revolucionária, a resposta é claramente não. Quando se está no registo pragmático, está-se no indeterminado, não se pode prever como os eventos acabarão se desenrolando. Mas os princípios são a única coisa que resta quando não se pode realmente influenciar os eventos – o que era obviamente o caso de Kropotkin em 1916.

É óbvio que Kropotkin em 1916 não imaginava realmente mudar o curso dos acontecimentos ao assinar o *Manifesto dos Dezesesseis*. A rigor, este documento não é, de forma alguma, um apelo às armas. No contexto belicista da época, os Aliados realmente não precisava de Kropotkin para

isso. A intenção de Kropotkin era enviar uma mensagem. Mas para isso, não havia outra maneira? Uma maneira que permitiu aos signatários “transmitir a mensagem” sobre as conseqüências de uma possível vitória alemã, preservando ao mesmo tempo os princípios internacionalistas? Kropotkin poderia muito bem ter escrito um manifesto no qual denunciava antecipadamente as conseqüências previsíveis do domínio alemão sobre a Europa, enquanto conclamava os proletários a não se massacrarem uns aos outros. Tal declaração sem dúvida teria tido ainda mais impacto, mas era preciso contar com o orgulho de uma personalidade autoritária como Kropotkin, convencido de que ele estava certo contra todos. O mesmo orgulho autoritário pode ser encontrado em Jean Grave, que chama as pessoas que discordam dele de “tolos”.

Marie Goldsmith compartilhou o ponto de vista “defensista” de Kropotkin, mas recusou-se a assinar o *Manifesto dos Dezesesseis*. Ela “tinha preferido expressar seu apoio através de artigos onde pudesse ao mesmo tempo expressar suas reservas e as nuances de sua opinião pessoal”, escreve Michael Confino²⁶.

Se Kropotkin o tivesse feito, ele teria enviado a mesma mensagem sem criar uma confusão no movimento anarquista.

Conclusão

Educado no espírito da filosofia do Iluminismo – todo seu pensamento político está imbuído dele – Kropotkin está infinitamente melhor informado que a maioria de seus co-signatários sobre os grandes problemas internacionais de seu tempo. Ele fez escolhas que foram consistentes com sua educação e cultura. Ele pode ser reprovado por não ter mantido uma atitude de intransigência revolucionária, tanto mais que sua escolha não teve influência no resultado da guerra: os Aliados não tinham necessidade da assinatura de quinze anarquistas para executar sua política.

A ambição do presente estudo é permitir que o movimento libertário se descomplexe com relação aos ataques que foram realizados contra ele sob o pretexto de que um punhado de militantes assinou o *Manifesto dos Dezesesseis* em 1916. O movimento libertário deu mais do que sua parte na luta contra a guerra e pode se orgulhar de ser a corrente que, no movimento operário, publicou os primeiros manifestos contra a guerra: recordemos que o texto “A Internacional Anarquista e a Guerra” foi escrito oito meses antes da conferência de Zimmerwald.

O trauma do esmagamento da Comuna, a atitude hegemônica dos socialistas alemães, as ilusões e a atitude submissa dos socialistas franceses provavelmente ainda eram elementos que desempenhavam um papel nas posições de Kropotkin. Por isso, seria necessário estender as

26 « Anarchisme et internationalisme. Autour du Manifeste des Seize. Correspondance inédite de Pierre Kropotkine et de Marie Goldsmith, janvier-mars 1916. » *Cahiers du monde russe et soviétique*, 1981, vol. 22, n° 22-2-3.

investigações às relações entre o movimento social-democrata alemão e o movimento socialista e sindicalista revolucionário francês. Em primeiro lugar, para mostrar que o peso das orientações do socialismo alemão remonta a um longo caminho e que foi decisivo; em seguida, para destacar as tentativas obstinadas mas mal sucedidas da CGT francesa de estabelecer uma ligação com o movimento operário alemão; finalmente, para mostrar que o movimento anarquista francês tinha apenas uma capacidade mínima de intervenção nos acontecimentos, o que não o impediu, como Maurice Laisant apontou, de fornecer em grande parte sua parcela de opositores e refratores da guerra.

Se a assinatura do *Manifesto dos Dezesesseis* forneceu um pretexto para que certos social-democratas de extrema esquerda de má fé classificassem todo o movimento libertário como estando ao lado dos adeptos da guerra, contra toda a verdade e lógica, nós queríamos mostrar que a realidade do movimento libertário não foi encontrada no *Manifesto dos Dezesesseis*, mas que este manifesto levantou questões reais.

A questão da “reabilitação do Kropotkin” obviamente não faz muito sentido hoje em dia. Se o trauma criado após a assinatura do *Manifesto dos Dezesesseis* por alguns indivíduos foi profundo e duradouro dentro do movimento libertário, parece-nos, quase um século depois, exagerado. O próprio movimento libertário foi o primeiro a sentir-se traído. O sentimento desta “traição” foi sem dúvida ainda maior, pois o movimento anarquista era em número reduzido em comparação com as outras forças em ação: o impacto foi ainda mais sentido seriamente.

Se um exame das razões e do contexto que poderiam ter levado um Kropotkin a assinar o *Manifesto dos Dezesesseis* nos parece essencial para entender este período da história, é apropriado trazer este episódio de volta às suas proporções corretas, no sentido de que ele permaneceu perfeitamente marginal. O movimento libertário sempre foi capaz de selecionar o que deveria ser rejeitado e o que deveria ser retido no pensamento de seus autores, e nunca se absteve de criticá-los quando necessário. A lamentável escolha de Kropotkin em 1916, tanto mais lamentável quanto outras soluções teriam sido possíveis, não invalida o resto do pensamento do revolucionário russo.

O erro de Kropotkin foi que ele não levou em conta o fato de que quando não é possível agir sobre os eventos, a única coisa que resta é preservar os princípios. Finalmente, o erro de Kropotkin foi não ter imaginado uma maneira de transmitir sua mensagem sobre as prováveis consequências de uma vitória alemã, sem apoiar os Aliados. Tal caminho existiu e foi escolhido por Marie Goldsmith, que compartilhou as idéias de Kropotkin e falou publicamente, mas recusou-se a assinar o *Manifesto dos Dezesesseis*. Seria o momento de prestar homenagem a esta

mulher cujas posições foram ocultadas pelas do “grande homem” de quem ela era amiga.

1912 : “A Guerra”	5
1914 : carta a Steffen.....	7
1915 : “A Internacional Anarquista e a Guerra”	10
1916 : O <i>Manifesto dos Dezasseis</i>	12
Conclusion.....	19